



19º Congresso Brasileiro de Infectologia Pediátrica



Trabalhos Científicos

Título: Avaliação Das Crianças Vivendo Com Hiv/aids Atendidas Em Serviço De Infectologia Pediátrica No Sul Do Brasil

Autores: EMANUELA DA ROCHA CARVALHO; TONY TANNOUS TAHAN ; ANDREA MACIEL DE OLIVEIRA ROSSONI; MELISSA FAVILE ERDMANN; VALERIA SLOWIK; TYANE DE ALMEIDA PINTO; CRISTINA OLIVEIRA RODRIGUES

Resumo: INTRODUÇÃO: A AIDS pediátrica atualmente é uma doença crônica, sendo de fundamental importância o atendimento especializado multidisciplinar. OBJETIVOS: Descrever características clínico-epidemiológicas e laboratoriais de pacientes vivendo com HIV/AIDS atendidos em ambulatório de referência. METODOLOGIA: Estudo observacional transversal, por meio de avaliação de dados de prontuários de pacientes com diagnóstico confirmado de HIV/AIDS, com idade até 14 anos incompletos, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos. RESULTADOS: Foram incluídos 60 pacientes, dos quais 50% do sexo masculino; 88% brancos; média da idade atual 8 anos ($\pm 3,5$) e mediana da idade de admissão 1 ano e 1 mês (variando de 15 dias à 12 anos e 8 meses); 82% moravam com pais ou familiares; e 75% procedentes e naturais da capital e região metropolitana. Cinquenta e três por cento das mães realizaram pré-natal porém, apenas 42% fizeram uso de terapia antirretroviral na gestação (tempo médio de uso de 3,5 meses); a idade gestacional média foi de 37 semanas e 3 dias. A via de transmissão vertical constituiu 93% casos analisados: 80% intra-útero ou peri-parto e 13% provavelmente na fase do aleitamento materno. Em 28% o diagnóstico de HIV foi realizado por sintomas clínicos nas crianças, de forma similar por infecções habituais da infância ou oportunistas. De acordo com a classificação clínica do CDC (1994), ao início do acompanhamento, 56,7% dos pacientes apresentavam-se nas categorias B e C, e na última consulta, se fossem reclassificadas, apenas 18,3% ($p=0,016$). Inicialmente, 41,7% apresentavam evidência de imunossupressão, comparativamente aos 18,3% atualmente ($p=0,5$). Apenas 7% dos pacientes permaneceram assintomáticos; entre os sintomáticos as desordens mais frequentes foram os quadros respiratórios (50%) e os neuropsiquiátricos (42%). Sessenta e três por cento dos pacientes necessitaram fazer ao menos uma troca da terapia antirretroviral (maioria por dificuldade na posologia e palatabilidade das drogas) e 10% dos casos nunca fizeram uso da mesma; 53% realizaram genotipagem, 29% com algum grau de resistência. Na admissão 10% apresentavam magreza e 20% baixa ou muito baixa estatura, enquanto na evolução apenas 1,7% apresentavam magreza e baixa estatura. Com o acompanhamento houve uma diminuição no número de hospitalizações ($p=0,063$), os principais motivos foram as infecções oportunistas seguidas de quadros respiratórios. Em relação aos exames laboratoriais periódicos: 37% apresentaram LDL limítrofe, 32% HDL e 17% triglicérides alterados, função renal alterada em 5% e anemia em 32%. CONCLUSÃO: O seguimento ambulatorial destes pacientes requer uma equipe multidisciplinar engajada em atender de forma especializada e individualizada os pacientes, para assim melhorar o fortalecimento de vínculos e proporcionar um acompanhamento assíduo e comprometido com o caráter de cronificação da infecção. Desta forma, foi verificado que se torna possível melhorar a sobrevivência de tal população.